

## **“Eu era puritano”: Homossexualidades em Vitória-ES nas décadas de 1970 e 1980 sob a ótica de um gay discreto**

Randas Gabriel Aguiar Freitas<sup>1</sup>

Graduação em História

Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** Com o golpe de 1964 os militares, que então no poder, se apropriaram de discursos e concepções conservadoras. Esses discursos e concepções fizeram com que o governo militar passasse a dedicar atenção às homossexualidades, que resultou em decretos e portarias em âmbitos municipais e estaduais, de controle e repressão as homossexualidades. O livro Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade, organizado por James Naylor Green e Renan Honório Quinalha aborda grandes centros urbanos dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A partir disso, esse trabalho busca testar hipóteses defendidas em seus capítulos com os aportes da História Oral, dando ênfase ao Espírito Santo. Para realizar essa pesquisa foi adotada a História Oral Temática, na tentativa de testar hipóteses e buscar perspectivas de época com o entrevistado. As questões foram relacionadas a eixos temáticos como: 1) relação esquerda e homossexualidades; 2) associação de travestis a criminalidade e prostituição; 3) questão da AIDS; 4) locais frequentados por um público homossexual em Vitória; 5) Repressão estatal no Espírito Santo.

**Palavras-Chave:** Homossexualidades; Espírito Santo; Ditadura; História Oral;

### **Perfil do Entrevistado**

O entrevistado Frederico Morothin<sup>2</sup> é capixaba, nascido em Alegre em 1957. Filho de pais comerciantes, classe média, teve acesso a todos os níveis da educação. Veio morar em Vitória em 1972, no qual começou os estudos no Colégio Estadual, no Forte de São João.

Desde criança Frederico teve interesse por artes e na juventude chegou a iniciar o curso superior em Comunicação, porém mudou para o curso de Artes Plásticas. Nesse

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador discente em História do Espírito Santo discutindo temas como ditadura e homossexualidades. E-mail: randas.aguiar@live.com

<sup>2</sup>Frederico Morothin é um nome fictício criado para preservar a identidade do entrevistado devido a solicitação de anonimato.

sentido, toda sua análise de mundo foi voltada foi mediada por uma visão artística, algo perceptível nos vieses de repostas para as perguntas feitas na entrevista. Sua visão artística não tinha perspectiva política, sendo a política presente nas questões gerais, como forma de governo, economia e direitos sociais.

A sexualidade de Frederico foi reprimida desde a infância por parte da família e ele manteve uma sexualidade “discreta” durante toda a vida, no qual não procurou estabelecer “janelas de sexualidade” (MOROTHIN, 2017, p. 58). Durante a vida adulta observou de fora as dinâmicas das homossexualidades presentes na Grande Vitória. Conhecendo, mesmo que de longe, desde intelectuais até militantes políticos. Entretanto manteve um distanciamento de ambientes mais fechados que acomodavam a vida social de gays, lésbicas e travestis nas décadas de 1970 e 1980.

### **Tipo de memória**

A memória do Frederico tem um viés artístico, analisando desde a vestimenta até as formas de apresentação de uma pessoa. Tirando conclusões a partir da imagem no qual a pessoa se apresenta. Nesse sentido, numa memória referente as homossexualidades ele destaca diferentes formas e maneiras de apresentação das pessoas, o que evidencia a ideia de não colocar pessoas em janelas de sexualidades, pois limitaria a pluralidade dos vários seguimentos que na época eram generalizados como homossexualidades.

O entrevistado caracteriza uma ruptura na década de 1980, pois havia uma grande esperança de melhoras, porém em sua visão, poucas foram as evoluções, mostrando assim uma visão – em certo ponto – pessimista em relação a conquista de direitos LGBT. E apresenta visões bergsonianas em análise de mundo e de vivências.

### **Temas da entrevista**

A década de 1960 foi marcada por uma grande revolução sexual, nos costumes e nos comportamentos, pois movimentos estavam surgindo questionando os valores da sociedade. Entretanto ao mesmo tempo também foi um período caracterizado por concepções e valores morais e conservadores e esses valores começaram a ser intensificados para combater essa revolução nos costumes.

A religião e a medicina historicamente se aliaram para discutir e controlar toda sexualidade que fugisse de uma normalidade. Como visto nos capítulos anteriores, no momento em que a ditadura enrijeceu o controle da vida pública e privada no Brasil, após o aditamento do AI-5, buscou-se moralizar os cargos públicos, demitindo e aposentando compulsoriamente diplomatas acusados de serem “sujeitos homossexuais”, sendo recomendados exames psiquiátricos. O imaginário das homossexualidades como distúrbio mental ou como doença não estava presente apenas na vida política, mas também na vida social como nos apresenta Frederico quando afirma que gostava de desenhar

Até meu pai chegou a me levar uma vez no médico, porque eu comecei a desenhar. Eu gostava muito de moda, aí eu acho que minha família talvez tenha começado a achar estranho, eu ficar desenhando muito coisa de moda, gostava de moda. (MOROTHIN, 2017, p. 53)

Podemos compreender que a performance de gênero fora do padrão do gênero masculino estabelecido, resultou na ida da família ao médico para tentar resolver o “problema” que era um garoto gostar de desenhar moda. Ou seja, podemos perceber como a fuga de um padrão de gênero torna automaticamente aquele sujeito um indivíduo que necessita de um controle e como o discurso médico legal da época o caracterizava essas fugas de padrões comportamentais, como homossexualidades e logo como “distúrbio” ou “doença”.

A partir dessa breve colocação sobre o controle das sexualidades dissidentes durante a década de 1960, irei agora analisar minhas hipóteses de pesquisa sobre algumas temáticas relacionadas as homossexualidades na Grande Vitória dialogando com a conjuntura nacional nas décadas de 1970 e 1980.

## **HOMOSSEXUALIDADES E O MUNDO ARTÍSTICO**

Ao questionar Frederico sobre o cantor Ney Matogrosso no início da década de 1980, buscava-se ver a sua percepção sobre um sujeito homossexual que estava ganhando notoriedade e conquistando espaço no meio artístico nacional. Frederico deu uma resposta da esfera privada, mostrando uma análise sobre Ney Matogrosso a partir da estética e de sua visão de mundo mediada pelas artes. Frederico afirma

eu achei Ney Matogrosso no Secos e Molhados super extrovertido. Foi uma grande transformação, uma coisa que chocou todo mundo. Eu achei aquilo

muito legal e tudo, a apresentação, dele e do grupo, todo mundo maquiado. O modo de dançar, as músicas eram legais também. Acho que mesmo que fosse a inovação, da performance de palco.(MOROTHIN, 2017, p. 55)

Nesse sentido, podemos perceber como a sua resposta não se voltou para a homossexualidade do Ney Matogrosso, mas sim pela performance artística que o cantor trouxe para o Brasil. Insisti na busca de uma visão sobre representações de homossexualidades na esfera pública e o questionei sobre o Jornal Lampião da Esquina e Frederico afirma “Eu ouvi falar do jornal Lampião”(MOROTHIN, 2017, p. 55), entretanto sem muitas informações, nos apresentando um resposta da esfera privada. Nessa mesma temática, insisti informando que o capixaba Amylton de Almeida foi colaborador do Lampiao da Esquina e questionei se chegou a conhecer o Amylton. Frederico respondeu

Só conhecia ele de vista. Igual estava no barzinho ele chegava, mas encontrava muito com ele em cinemas. Eu adorava cinema, via muito filme. [Eu] assistia no Centro e Amylton estava lá porque ele era crítico, então ele tinha que falar de todos os filmes(MOROTHIN, 2017, p. 56).

Nessa perspectiva Frederico volta a visão de mundo mediada pelas artes e fala do Amylton como crítico de cinema. Podemos concluir então que Frederico não via Ney Matogrosso enquanto “guei”. Apesar de ter ouvido falar, o jornal Lampiao da Esquina não teve impacto ou consequências na vida de Frederico e a figura de um capixaba homossexual que colaborava em um jornal de militância política e homossexual não despertou em Frederico uma reflexão sobre o assunto homossexualidades, naquela época.

## **BARES**

Conforme os capítulos anteriores nos apresenta os principais ambientes públicos frequentados por “gueis” no Espírito Santo foram os bares, como aponta Amylton de Almeida em seu roteiro turístico publicado em Abril de 1980 no Lampiao da Esquina. Amylton afirma que o *Britz* bar passou a ser frequentado pelo público “guei” devido a sua simbologia folclórica. Nesse sentido procurei questionar Frederico sobre os locais de sociabilização de homossexuais em Vitória e ele afirma

Vitória tinha os bares que todo mundo frequentava, vida boemia. Vamos dizer, no Centro da cidade era o Britz Bar, onde todo mundo ia. Quem estava no armário [risos] ia todo mundo ali. Os intelectuais iam. [...] porque era um lugar de todo mundo. Ia desde classe média alta, considerada a alta sociedade de Vitória, até pessoas jovens. Era um "Mix" de tudo ali. Não era

exclusivamente de [homossexuais]. [...] o Britz era democrático, todo mundo frequentava o Britz (MOROTHIN, 2017, p. 56).

A partir disso podemos perceber o *Britz* não era um bar “guei”, mas um bar frequentado por também um público gay e como Frederico confirma era um bar em que estavam presentes muitos intelectuais, como Amylton de Almeida e Carmelia Maria de Souza. Nessa perspectiva, Frederico nos dar alguns nomes de bares como: o bar *Vitorinha*, na Rua Gama da Rosa, próximo a atual Lanchonete Bimbo, no qual Frederico o caracteriza como “um reduto gay”(MOROTHIN, 2017, p. 56); O bar *Marrocos*, na rua Duque de Caxias, próximo a Catedral, que Frederico afirma que não frequentou pois se considerava mais reservado, entretanto convivia com amigos que falavam “Ah, eu fui para os Marrocos”; barzinho na Praça Costa Pereira [não sabe o nome] em que Frederico afirma ser “barra pesada”, frequentado por uma “marginalidade [...] como gays mais ousados ou travestis”(MOROTHIN, 2017, p. 57).

Por Frederico não ter sido frequentador desses bares, ele enquanto fonte oral de história não pode nos dar informações sobre cada bar, entretanto ele possibilita pensar três tipos de locais ocupados por um público homossexual. Nesse sentido, existem pelo menos três ambientes frequentados por um público de gays, lésbicas e travestis no Centro de Vitória, que proporciona pensar sobre as relações de classe e das diversidades presentes nas homossexualidades.

Primeiro o *Britz Bar* era um local caracterizado pelas fontes como um ambiente de uma elite intelectual, ou seja, podemos pensar num público jovem de estudantes da Ufes como também numa classe média moradora do Centro. Ou seja, o público era variado entre heterossexuais e homossexuais, mas todos dentro de um status social. Já o *Vitorinha* bar/pub, que teve um frequência maior de um público “guei”. Quando Frederico afirma que o *Vitorinha* era um “reduto gay”, podemos pensar que o público frequente se destacava por algum motivo de um público frequente de outros bares, pois Frederico via de fora, já que “não participava muito da vida boemia”(MOROTHIN, 2017, p. 57). Ou seja, o público frequentador do *Vitorinha* possivelmente se diferenciava no comportamento e/ou nas vestimentas e/ou nas relações sociais. Terceiro o bar *Marrocos* que traz a expressão “Ah, eu fui para o Marrocos”(MOROTHIN, 2017, p. 57), que talvez não esteja apenas ligada ao fato de ir ao bar *Marrocos*, mas também possuir um significado simbólico de “viagem” que permite pensar que “ir ao Marrocos” também significasse local de pegação ou prazeres, já que Frederico afirma “Deus me

livre, nem pensava em ir no Marrocos”. Ou seja, o *Marrocos* possivelmente era um bar onde as expressões das homossexualidades se manifestavam com mais desvios, se comparado do *Vitorinha* e o *Britz*. Por último, o bar na Praça Costa Pereira, em que Frederico não se recorda do nome, mas afirma que lá frequentava uma “marginalidade” como travestis e gays mais “ousados”. Porém irei tratar a temática de “marginalidade” em um novo tópico.

## TRAVESTIS

Segundo Luiz Morando (2015) havia uma visão social que associava as homossexualidades à criminalidade e a prostituição, em especial travestis. Frederico afirma a existência de um bar frequentado por uma “marginalidade” na Praça Costa Pereira, durante as décadas de 1970 e 1980. Ao comentar que travestis frequentavam esse bar, podemos perceber que essa associação de travestis a criminalidade, ou pelo menos, a atos marginais algo presente no imaginário social.

Após comentar sobre o bar na Praça Costa Pereira e por seu público “marginalizado”, questionei Frederico sobre a associação de travestis a criminalidade e ele responde “eu não me lembro bem se existia mesmo o [a] travesti”(MOROTHIN, 2017, p. 58) e completa

Existiam os homossexuais que andavam com o cabelo, mais arrumado. Passava um lápis no olho, entendeu? Fazia um make-up, essas coisas assim.[...]Eu tinha um amigo, ele foi para os Estados Unidos [...] e voltou “Alice Cooper”. Era um artista de uma banda de rock, que fazia muito sucesso. Naquela época “Glam Rock”, que era um rock bem desbundado. Os artistas eram mais andróginos, digamos assim. Nem tanto, era uma androginia, tipo David Bowie. Aí chegou, usava botas de cano alto, salto alto, cabelo e roupas [...] Esse pessoal que frequentava a [Praça] Costa Pereira, rodava por ali, porque ali talvez tivesse um público, que era interessada em sexo.(MOROTHIN, 2017, p. 58)

Frederico por ter um olhar de fora associou a travestilidade a androginia, usando como explicação uma visão mediada pela arte, associando a figuras andrógenas das décadas de 1970 e 1980 como David Bowie e Alice Cooper. E completa afirmando da possível existência de um público interessado em sexo na Praça Costa Pereira, por isso a existência de homossexuais com make-up. MacRae (1990) afirma

Um dos aspectos marcantes da contestação cultural da década de 1970, e da glorificação da marginalidade como maneira de questionar os valores autoritários que permeavam a cultura brasileira, foi a aparente explosão da

homossexualidade [e] [...] a importância que tiveram para a cultura brasileira como um todo as propostas de “androgínia” presente nos trabalhos de Caetano Veloso, Gilberto Gil, DziCroquettes, Secos e Molhados, Ney Matogrosso, além dos ídolos internacionais da juventude como Alice Cooper, David Bowie, Lou Reed, Mick Jagger e outros. (MACRAE, 1990, p. 33)

Essa explosão da homossexualidade nas décadas de 1960 e 1970 apontada por MacRae buscaram inspiração no movimento da contracultura e as discussões sobre corpo e subversão de valores se tornaram algo presente na vida de homossexuais.

Questionei a Frederico se soube de algum ato de repressão por parte do Estado Militar em algum desses locais e ele afirma “na época da ditadura as pessoas eram presas por qualquer motivo, por qualquer banalidade”(MOROTHIN, 2017, p. 58) e completa que não se lembra. As bibliografias lidas sobre o tema evidenciaram a existência de repressão e controle aos locais frequentados por gays, lésbicas e travestis nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e essas práticas de repressão estavam ligadas a instituições militares como a Delegacia de Costumes e Diversões, que também existia em Vitória, entretanto e preciso fazer uma pesquisa documental nos arquivos da DECODI-ES, para poder averiguar se houve esse tipo de repressão a esses bares.

## **ESQUERDA**

A teoria e a prática das esquerdas eram questionadas, sendo apontada seu conservadorismo cultural, refletindo na sua dificuldade de inovar nas áreas das artes e dos costumes. (MACRAE, 1990, p. 21)

Não só as direitas que apoiavam a ditadura foram críticas do movimento homossexual brasileiro que nasceu no final da década de 1970. As esquerdas foram de alvos de críticas devido a sua “carece” referente as mudanças comportamentais que emergiram na década de 1960. Nesse sentido, questionei Frederico sobre a figura do atual governador do Espírito Santo, Paulo Hartung (PMDB) que no final da década de 1970 e início de 1980 foi representante estudantil do Diretório Central dos Estudantes, com propostas políticas de esquerda filiadas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e Frederico traz um Paulo Hartung da “moto possante, de casaco de couro e óculos Ray-ban” e completa

Ele parecia mais um playboy, meio playboy, mas podia ser um rebelde. Tipo James Dean. A gestão que eles fizeram no DCE teve uma coisa bacana, que era promoção de coisas culturais. Shows no ginásio da UFES. Teve esse lado assim que foi bacana, positivo. Pode ser também que eles tenham participado

da luta de redemocratização política, mas eu não via muito isso não.(MOROTHIN, 2017, p. 60)

Podemos perceber que nesse primeiro momento, Frederico nos dar uma visão mediada pela artes, atribuindo a figura estética do Paulo Hartung, ignorando as questões políticas. Durante o curso de Comunicação, Frederico fazia parte de um grupo que era maioria na universidade, que são as pessoas que não compunham o movimento estudantil. Devido a isso, ele nos traz uma visão estética do militante Paulo Hartung junto a promoção de coisas culturais no ginásio da Ufes, ou seja, mostrando mais um interesse pelas questões artísticas e culturais. Para adentar mais no assunto esquerdas, questionei Frederico sobre as propostas do movimento que Paulo Hartung compunha e ele nos traz “proposta de redemocratização, de volta das eleições para os cargos de governador, mais por essa abertura política”(MOROTHIN, 2017, p. 61). Propostas que boa parte da sociedade defendia, devido ao trauma da repressão, controle da ditadura e da já então proposta de redemocratização, como apresentado nos capítulos anteriores, em que Geisel propõe abertura política lenta, gradual e irrestrita.

Para entrar de vez no assunto esquerda e homossexualidades, questionei se ele viu algum homossexual participando de movimento de esquerda e ele afirma “Claudino de Jesus. Eu acho que ele era do PCB, era o Partidão”(MOROTHIN, 2017, p. 61) e completei questionando sobre a participação de Claudino e Frederico coloca “eu não me lembro muito da participação dele. Como eu te disse, eu não sei nem se ele participava do grupo do Paulo Hartung.[...] Então não posso falar muita coisa”(MOROTHIN, 2017, p. 61). A partir disso não consegui resposta para como funcionava essa relação entre esquerda e homossexuais aqui no Espírito Santo. Um caminho possível seria entrevistando um homossexual militante de esquerda na década de 1970 e 1980.

## **PRAÇA COSTA PEREIRA**

A Praça Costa Pereira, no Centro de Vitória, possui diversos significados simbólicos, por estar no centro, econômico, político e cultural da capital nos anos 1970 e 1980. Pensar a Praça Costa Pereira é refletir sobre a elite capixaba em diálogo com as representações culturais, que se manifestam via arte, teatro, cinema, sociabilizações e outros.



Sob o olhar homossexual, a Praça Costa Pereira ganha novos sentidos. Frederico Morothin, ao ser indagado sobre sua sexualidade em tempos de Universidade, relembra de um “bar barra pesada” na Praça Costa Pereira. Afirma

Ali eu nem entrava, pois eu achava aquele barzinho muito barra pesada. Mas era um bar que frequentava, vamos supor, a marginalidade. Tipo um travesti, um gay mais ousado, frequentavam lugares mais sórdidos, mais reservados (MOROTHIN, 2017, p. 57).

E ao ser questionado sobre “gueto de homossexuais”, Frederico volta a lembrar da Praça Costa Pereira e afirma “é uma coisa em que as pessoas, até assim, claro, deveria ter pessoas que não passaram nem perto dali porque ali naquela praça [Praça Costa Pereira] tem homossexuais passando, travesti, sei lá” (MOROTHIN, 2017, p. 58). E quando interrogado sobre a associação de travestis a criminalidade, Frederico volta a fazer referência a Praça Costa Pereira, ao falar de homens que usavam make-up, passavam lápis de olho e afirma que “esse pessoal que frequentava a Costa Pereira, rodava por ali, porque ali talvez tivesse um público, que era interessada em sexo” (MOROTHIN, 2017, p. 58).

Sob o olhar de Frederico Morothin, a Praça Costa Pereira, pode ser lida como local de “fechação” ou “pegação” de homossexuais, como também ponto de encontro de pessoas que estavam interessadas em sexo com pessoas do mesmo sexo, além da frequência de travestis. Essa narrativa sobre a Praça Costa Pereira, pode ser testada no livro-manifesto, *Rua*, de Fernando Tatagiba que no conto *Vitor ou Vitória?* narra a história de Vitor que se assumiu, travestiu, tornando-se Vitória, fazendo uma analogia ao “sair do armário” da cidade de Vitória.

Nesse conto Fernando Tatagiba narra a frequência de travestis nos entornos da Praça Costa Pereira.

#### Vitor ou Vitória?

Depois de tímidos improvisos, Vítor se assumiu.

O "bar Gay" da rua Sete aglutinou, durante algum tempo, a fina flor do terceiro e quarto sexo. No meio do burburinho da pegação, aconteceram incíos de muitos casos amorosos.

O bar fechou. Transformado em restaurante P. F. também acabou. Pelo visto, este não é o prato forte da cidade. Vítor aos poucos se ajeitou 'Bangalô', 'Pablo's', '90 Graus', a visita de Roberta Close.

Nas imediações da praça Costa Pereira, galeria Palácio do Café, Av. Beira Mar, todo o mundo tomando hormônio como quem bebe cafezinho para depois fumar.

A narrativa sobre a frequência de travestis, de Frederico Morothin e Fernando Tatagiba são semelhantes. Tatagiba completa, em seu texto literário sobre travestis nas imediações do Palácio do Café [símbolo econômico capixaba] e na Av. Beira Mar. Fernando Tatagiba aborda em sua literatura um “bar gay” frequentado pelas “flores do terceiro e quarto sexo”<sup>3</sup>. De encontro com essa narrativa, Amylton de Almeida, no seu roteiro turístico publicado em 1980 no *Lampião da Esquina*, ao comentar que o *Britz bar* fica próxima à Praça Costa Pereira, afirma que está “é parecida com a “feira” de Brasília, com loucas e michetagem, tipo Shirley e amor impossível”<sup>4</sup>. E em 1979, o *Jornal do Gay*, publica na em sua coluna *Roteiro Gay*

#### ROTEIRO GAY DE VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO

A moçada festiva capixaba reúne-se em Vitória no BRITZ BAR, situado à rua Gama Rosa, 76. O ambiente é ali seletto, frequentado por artistas, intelectuais e entendidos da localidade. Também se encontram na BOATE GROOVE, que fica na avenida Beira Mar e que é gay só nas quintas-feiras.

Pode-se namorar na Praça Costa Pereira, em frente ao Teatro Carlos Gomes, ou na porta do Cine Santa Cecília, que é onde se reúne a turma gay da Ilha<sup>5</sup>.

Essa última fonte, do *Jornal do Gay*, não nos permite identificar quem passou essas informações/leituras de um roteiro turístico gay de Vitória, podendo ser Amylton de Almeida ou outra pessoa. Apesar desse ponto, mais uma vez é possível ver a Praça Costa Pereira como um lugar “flertar” com pessoas do mesmo sexo.

A história do Espírito Santo, por ser ainda centrada numa perspectiva política e econômica, compreende o Centro de Vitória a partir seus símbolos políticos e econômicos e a Praça Costa Pereira faz parte dessa narrativa político-econômico, seja como centro comercial, ou como local de grandes manifestações políticas. Porém, a partir de uma visão cultural, ela é lida pelas homossexualidades das décadas de 1970 e 1980, como ponto de encontro de pessoas interessadas afetivamente ou sexualmente em pessoas do mesmo sexo. Sendo possível levantar várias questões sobre grupos marginalizados, como gays, lésbicas e travestis, ou michês e *trottoir*, presentes nesse

---

<sup>3</sup> Terceiro e quarto sexo são formas em que as homossexualidades eram chamadas. Numa tentativa de dizer que não era nem homem e nem mulher, e sim um terceiro sexo.

<sup>4</sup> *Lampião da Esquina* (Maio de 1980, n 24, p. 10)

<sup>5</sup> Movimento "Gay" (11 de Outubro de 197), AN/Coreg, Fundo DSI/MJ, BR.AN.RIO.TT.0.MCP.AVU.300, p. 39.

espaço. Quais os horários esses grupos frequentavam esses espaços? Como foi a relação dos defensores da moral e bons costumes com esses grupos? Existia disputa por esse espaço?

## **HOMOSSEXUALIDADES EM TEMPOS DE EPIDEMIA DE AIDS**

Durante a década de 1980 houve uma epidemia de AIDS e a doença ficou associada a homossexuais, sendo chamada de “Peste Gay”. Nesse sentido questioneiro Frederico sobre como foi o assunto Aids na conjuntura nacional e ele afirma que interferiu na amizade entre homossexuais e heterossexuais, como por exemplo no caso de sentarem em um bar para tomar um cerveja “era uma coisa mais possível do que depois do surgimento da AIDS. Criou-se um preconceito muito grande”(MOROTHIN, 2017, p. 62). Frederico completa

Quem fosse homossexual, que era mais explícito sua sexualidade passou a sofrer muito. E os próprios homossexuais começaram a ter paranoia, medo. Como ficou muito associado a doença a condição sexual, foi um banho de água fria. Acabou com essa coisa do desejo que todo mundo vivia, que era uma coisa libertação sexual que houve nos anos 1960 e 1970. (MOROTHIN, 2017, p. 51).

Nesse sentido podemos perceber que a epidemia de AIDS, mudou o comportamento e a atitude das pessoas. A sua associação a condição da homossexualidade, trouxe mais um estigma para gays, lésbicas e travestis nos anos 1980. Essa mudança de comportamento afetou tanto as relações sociais homo-hetero e homo-homo. Pois a partir disso houve um agravamento da violência social contra homossexuais, como aponta Luiz Mott e as reportagens dos jornais baianos como: “Povo de Sidnei caça os gays por temor ao AIDS” , “Estao matando os travestis a tiro” , “Grupo Gay denuncia assassinatos” e junto as incitações de crime de ódio do jornalista José Augusto Berbert que publicou reportagens no jornal baiano A Tarde, como “A solução para acabar com a AIDS é a erradicação dos transmissores da peste gay” , “Matar veados não é homicídio, é caçada...” , “Mantenha Salvador limpa: mate uma bicha todo dia” e outros.

A AIDS foi uma ruptura na liberdade sexual e na vida dos homossexuais na década de 1980. A Revolução Sexual nos anos 1950 e 1960 promovida pelos movimentos feministas foi um contexto de uma importante

[...] contestação cultural ocorria no nível da sexualidade e do questionamento dos papéis sexuais tradicionais. A total desvinculação entre sexualidade e a procriação, possibilitada pelo advento da pílula anticoncepcional, aliada a uma crescente contestação moral até então vigente e uma maior complacência familiar, tornava a vida sexual dos jovens brasileiros mais aberta e livre. (MACRAE, 1990, p. 23)

A partir dos apontamentos de MacRae sobre essa transformação na vida sexual, junto ao movimento de contracultura, movimento Hippie, underground, questionando de valores morais, e propondo novas colocações ante a um capitalismo, que apesar de o Brasil viver uma ditadura, houve um no contexto cultural uma liberação. A ditadura que se apropriou de discursos e colocações conservadoras, tentou de muitos meios, a partir do seu aparato institucional controlar essa vida cultural “subversiva”.

Frederico associa esse movimento de liberdade sexual ao movimento hippie e afirma, que com a AIDS “o sonho acabou. O sonho de um mundo igual aquele ideal do movimento Hippie”(MOROTHIN, 2017, p. 62). E explica que os jovens buscaram essa perspectiva cultural pois a “falta de perspectiva política tenha deixado as pessoas muito voltadas para o desejo sexual” (MOROTHIN, 2017, p. 62). E que nessa se perdeu aquela ideia de amor livre, você sai, você transa com todo mundo, pega um ali outro lá [riso] isso tudo passou. Mesmo sabendo que já existiam outras doenças sexualmente transmissível, como sífilis e gonorreia”(MOROTHIN, 2017, p. 63). Nesse sentido Frederico utiliza a ideia de hippie como escapatória de um regime repressivo e do sistema capitalista, no mesmo sentido que, a liberdade sexual como escapatória da política brasileira. Por isso AIDS se torna um ruptura, pois acaba com essa liberdade sexual, num período de transição política, em que no imaginário social seria um período de melhoras, graças a redemocratização. Essa explicação faz sentido a partir do momento que se pensa que a ditadura estava mais preocupada em perseguir militantes políticos, ou seja, pessoas que estavam sendo ativistas na esfera pública. E talvez, quem vivesse sua sexualidade na esfera privada, tivesse um certo tipo de liberdade, principalmente nesse contexto de abertura política em que se esperava que a vida dos homossexuais iria melhorar, porém, com o advento da AIDS os preconceitos aumentaram.

Antes epidemia da AIDS os homossexuais sofriam estigmas a partir de quatro grandes esferas: 1) por parte da Igreja, que considerava pecado as relações de Sodoma e Gomorra; 2) pelos militares que associaram as homossexualidades a esquerda e em

alguns estados procurou usar esse tipo de discurso para repressão; 3) por parte dos conservadores que associavam as homossexualidades a depravação moral; 4) Pelo discurso medico legal que considerava as relações homoeróticas como problema psicológico e a homossexualidade como doença. Nesse sentido o discurso da AIDS associada as homossexualidades, enquanto “Peste gay” foi utilizado por esses setores que já estigmatizava esse segmento como justificativa para se combater as homossexualidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa foi possível identificar alguns aspectos regionais referentes a temática Ditadura e Homossexualidades. Entretanto por ser uma investigação inicial, ainda não foi possível desventar aspectos repressivos do Estado autoritário contra sujeitos homossexuais. Por isso, foi usado a História Oral para se testar hipóteses e visões de época referente a estigmas e as formas com que as sexualidades dissidentes se apresentavam e eram lidas pela sociedade em geral.

Frederico Morothin, nos apresentou desde questões mais gerais até questões específicas sobre comportamento, corpo e sociabilidades de homossexuais no Espírito Santo. Além de evidenciar o clima de medo, presente em todo período da Ditadura Militar.

## BIBLIOGRAFIA

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 27-52.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), Campinas, v. 10, n.18/19, p. 79-123, 2003. Disponível em: <[http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20788\\_arquivo.pdf](http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20788_arquivo.pdf)>. Acesso em: 13 Jun 2016.

FICO, Carlos. Prefácio. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 13-16.

GREEN, James Naylor. O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). *Ditadura e*

*homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 177-200.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Editora UNICAMP, 1990, p. 321.

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 53-82.

OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 149-176.

QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 149-176.

QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. Introdução. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 17-26.

TATAGIBA, Luiz Fernando. *Rua*. Vitória: FCAA/UFES, 1986

## **FONTES**

JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA. n 0-37, 1978 a 1981. Rio de Janeiro, Esquina Editora.

MOROTHIN, Frederico. Frederico Morothin: entrevista [jun. 2017]. Entrevistador: Randas Gabriel Aguiar Freitas. Vitória: UFES, 2017. Entrevista concedida a disciplina de História Oral do Departamento de História-UFES. In: FREITAS, Randas Gabriel Aguiar. *Homossexualidades no Espírito Santo em tempos de Ditadura: Estigmas, Sociabilidades e Literatura*. 2017. 90f. Monografia de Final de Curso (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Orientador: Prof. Dr. André Ricardo Valle Vasco Pereira.

Movimento "Gay" (11 de Outubro de 197), AN/Coreg, Fundo DSI/MJ, BR.AN.RIO.TT.0.MCP.AVU.300 121p.

TV Espírito Santo: Ataque à censura (22 de Abril de 1977), AN/Coreg, Fundo DSI/MJ, BR.AN.RIO.TT.0.MPC.PRO.789 30p.